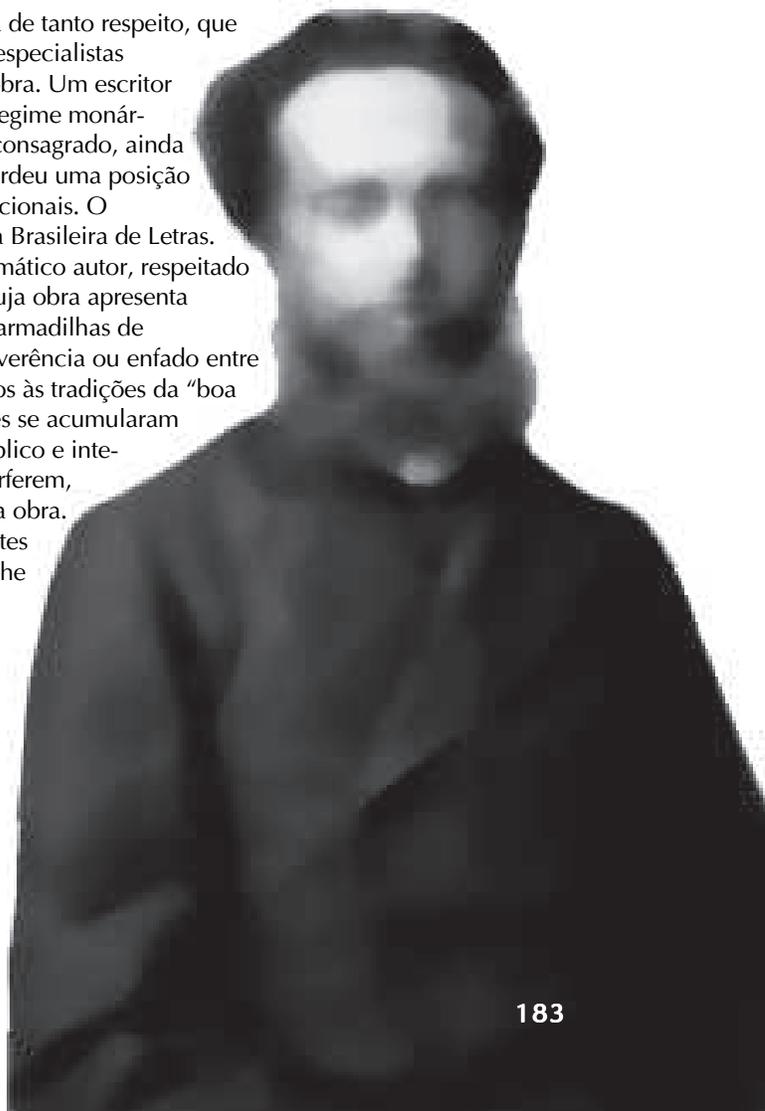


Machado de Assis, um Monumento: Homenagens e Silêncios

Victor Hugo Adler Pereira*

Um escritor brasileiro, que goza de tanto respeito, que conseguiu arregimentar alguns especialistas estrangeiros, no estudo de sua obra. Um escritor que atravessou a passagem do regime monárquico para o republicano e foi consagrado, ainda em vida. E, desde então, não perdeu uma posição central no panteão das letras nacionais. O respeitável criador da Academia Brasileira de Letras. O bruxo do Cosme Velho, enigmático autor, respeitado por professores e intelectuais, cuja obra apresenta dificuldades de aproximação e armadilhas de interpretação, que provocam reverência ou enfado entre leitores jovens e/ou pouco afeitos às tradições da “boa literatura”. Essas caracterizações se acumularam sobre os ombros do homem público e intelectual Machado de Assis e interferem, obviamente, na recepção de sua obra. Decerto são referências suficientes para atrair as homenagens que lhe vêm sendo rendidas pelas autoridades educacionais, políticas, acadêmicas, no transcurso dos 100 anos de sua morte.

.....
*Professor adjunto do Instituto de Letras da UERJ. Coordenador do Doutorado em Literatura Comparada. Pesquisador bolsista do Programa Pró-Ciência UERJ/FAPERJ. Endereço postal: Instituto de Letras, UERJ, Rua São Francisco Xavier, 524, Maracanã, Rio de Janeiro, CEP: 20.550-900. Endereço eletrônico: vhap@uol.com.br



Consciente de que a recuperação do passado é sempre comprometida com a perspectiva da atualidade, portanto, exprime muito de nossa própria época histórica, procuro estar atento ao rumo que vem tendo as homenagens a Machado de Assis, a certas repetições e coincidências, àquilo que é destacado ou omitido em sua biografia e sua prolífica obra. Assim como aos elos de continuidade e aos contrastes que essas leituras ou apropriações atuais das obras e da figura do escritor e intelectual estabelecem com aquelas que repercutiram e se tornaram representativas de outras épocas. Proponho, portanto, discutir, nesse trabalho, alguns tópicos recorrentes ou mais frequentes nos diferentes circuitos que possibilitam compreender os valores em jogo, na produção cultural e artística na atualidade.

De início, chama a atenção o destaque concedido ao centenário da morte de Machado, em relação ao de outro contemporâneo notável, o comediógrafo e também acadêmico Artur Azevedo, ou a de outro escritor que alcançou o auge do prestígio nas décadas de 60 e 70, o mineiro Guimarães Rosa. Fica claro, nesse contraste, a posição central ocupada por Machado, no cânone literário brasileiro. A propósito dessa avaliação sobre a repercussão da obra de um autor e seu potencial de influência, vem à baila a perspectiva desenvolvida pelo influente crítico estadunidense Harold Bloom. Este crítico contribuiu, recentemente, em obra publicada no Brasil, em 2003, para ressaltar o prestígio internacional alcançado por Machado, ao focalizar a sua obra entre as de 100 outros “gênios” da literatura universal (o que ele considera “universal”, obviamente com o privilégio que salta aos olhos de escritores mais renomados pela tradição anglo-saxônica e francesa). Na avaliação da singularidade da obra do brasileiro, destaca Harold Bloom a superação de qualquer amarra, devido ao contexto histórico-social que cercou sua existência:

Machado de Assis é uma espécie de milagre, mais uma demonstração de autonomia do gênio literário, quanto a fatores como tempo e lugar, política e religião, e todo tipo de contextualização que, supostamente, produza determinação dos talentos humanos (BLOOM, 2003, p. 688).

O enfoque de Harold Bloom aponta para o contraste entre a obra de Machado e a indigência do meio cultural em que surge, como uma exceção (perspectiva que não faz jus ao movimento de idéias e à produção literária do período no Brasil). Ressalta-se, também, do comentário desse crítico, que vem liderando uma luta acirrada contra a influência dos estudos culturais nas universidades dos Estados Unidos, o modo com que aproveita a oportunidade para desautorizar a abordagem das influências, na criação literária, de fatores que considera “exógenos”, desvinculando-a de sua historicidade.

Esta não foi a primeira vez que críticos anglo-saxões se interessaram pela obra de Machado. Nos anos de 1950, a estadunidense Helen Caldwell se dedicou a estudar o autor, de uma perspectiva feminista. Interessada, especialmente, na relação entre Bentinho e Capitu, traduziu o romance *Dom Casmurro* e, posteriormente, em 1960, publicou o trabalho *The Brazilian Othello of Machado de Assis*, que somente foi traduzido no Brasil, em 2002. Nos anos 80, o crítico John Gledson publicou, na Inglaterra, dois influentes estudos sobre o autor: *Machado de Assis – Impostura e Realismo*, em 1984, e *Machado de Assis – Ficção e História*, em 1986. Em contraste

com a perspectiva crítica de Bloom, John Gledson declarava, em entrevista na Biblioteca Nacional, em 2003, que seus trabalhos recebiam a pecha de conferir muita importância ao contexto histórico, para situar a obra de Machado. Até o presente, o crítico inglês continua a oferecer grande contribuição para os estudos e para a difusão desta, realizando trabalhos de tradução e edição de seus textos, em especial as crônicas e os contos, muitas vezes originalmente divulgados em periódicos, para publicações dirigidas ao público brasileiro e estrangeiro.

Não foi certamente o reconhecimento de Bloom, antecipado pelos estudos realizados por críticos anglo-saxões, o motivo da unanimidade criada em torno de sua obra e do atual amortecimento ou completo esquecimento das discussões críticas, que apontavam problemas e contradições nelas. O atingimento dessa posição deve-se, sem dúvida, não somente a qualidades específicas de suas obras, mas também a um talento muito grande para se relacionar com o meio intelectual que lhe foi contemporâneo. Analisar esses dois fatores, à luz das condições que cercam a vida intelectual brasileira atual, implica escavarmos a inteireza e a harmonia do discurso que se reproduz e se consolida nos estudos acadêmicos, palestras, textos de divulgação, entrevistas, que proliferam, nos últimos meses, em torno da memória do escritor, nas universidades, nas publicações especializadas, na imprensa e na televisão. Essas mensagens se pautam na glorificação do escritor, transformado em exemplo a ser divulgado para as novas gerações, em todos os quadrantes da sociedade brasileira, por dois motivos: como exemplo das possibilidades de superação, para aqueles discriminados duplamente pela pobreza e pela origem racial; e como referência para aqueles que, detentores de maior quinhão de capital cultural, se candidatam a disputas por reconhecimento e prestígio – o que pressupõe enfrentar algumas engrenagens de poder, no campo intelectual, que Machado de Assis analisou em suas obras, com as quais demonstrou saber lidar com maestria na vida prática e que ajudou a consolidar, por exemplo, ao participar da criação da Academia Brasileira de Letras.

Na exploração midiática da renomada academia, transforma-se o centenário da morte do autor em um tema obrigatório, que vincula o veículo de comunicação (televisão, jornal...) a um movimento geral que não pode ser ignorado, quando se pretende fazer parte da vida cultural do país. Ao se atrelar a esse movimento, numa perspectiva acrítica, os jornais e os canais de televisão necessitam reproduzir um certo consenso quanto ao tema. Uma estratégia de atualização ou de apropriação do tema fica clara no vínculo que vem sendo estabelecido, por exemplo, nos comentários televisivos, entre as campanhas atuais de responsabilidade social para a recuperação das crianças marginalizadas pela pobreza e a imagem do menino Machado de Assis, nascido no Morro do Livramento e consagrado na elite política e nos meios intelectuais, graças a seu esforço e à dedicação pessoal ao trabalho sério e honesto. O que poderia funcionar como uma denúncia da longevidade das desigualdades sociais do país remete, no entanto, a um discurso que norteia a perspectiva conservadora na discussão das desigualdades do país, que atravessa os tempos: a afirmação da confiança na superação da injustiça pelo esforço individual.

A transformação da obra de Machado de Assis em um monumento de cultura, que se equipara à de alguns dos grandes escritores que se destacaram, no século XIX, na Europa ocidental ou na Rússia, pela qualidade da fatura artística e a atualidade das questões abordadas, suscita questões sobre a origem e os compromissos inerentes aos legados do passado, que se perpetuam no decurso da história. Num texto publicado em 1940, certamente, com a clareza que facultam momentos de crise social e política extremos, Walter Benjamin mina a atribuição de um valor absoluto às obras que se transformam em legados da cultura:

Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais (BENJAMIN, 1985, p. 225).

Tal comentário suscita a discussão de um conjunto de questões sobre o que foi reprimido ou colocado de lado na cultura, no processo de sacralização da obra de Machado de Assis. Uma das perguntas que outras gerações fizeram, diante deste processo, refere-se aos compromissos do autor, intelectual e figura pública, com um conjunto de valores culturais e de posições no campo intelectual, em sua trajetória ascensional na sociedade brasileira. Outra, tem por objeto implicações inerentes à própria singularidade da forma artística que marcou, de modo original, algumas obras do autor – os compromissos estabelecidos pelo estilo que adotou.

Introduzindo a discussão desses problemas, vale observar que a meditação desencantada de Walter Benjamin, sobre o cortejo da história e a sucessão de imagens dos bem sucedidos, bem poderia ser associada a tantas considerações provocadas pelas situações ficcionais exploradas na obra de Machado de Assis. É preciso lembrar, de início, que aquilo que, muitas vezes, se apresenta, na mídia ou em iniciativas de divulgação do autor menos abalizadas, como exemplo da capacidade de observação de sua época ou de sua crítica radicalmente desencantada da modernidade, não passa de um subproduto de sua obra. Nesta franja se situam, principalmente, os contos “filosofantes”, herdeiros de uma literatura de salão, que, conforme observou Antonio Candido (1970, p. 19), lisonjeava os leitores, reforçava, neles, a convicção de sua inteligência, “a preço módico”.

O Machado que provocava desconfiança e inquietação diante daquilo que era considerado “elevado” ou virtuoso entre seus contemporâneos se revelou, no entanto, a partir da publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em 1881, e da coletânea de contos *Papéis Avulsos*, em 1882. Este é o “escritor subterrâneo” que Antonio Cândido, citando Augusto Meyer, caracteriza como o Machado de Assis “mais terrível e mais lúcido”, que desmistifica as relações pautadas na busca do prestígio e dinheiro, que se instalavam, expandiam e aprofundavam, com o processo de modernização da sociedade brasileira, e que exercia seu impacto na capital do país, no século XIX. A alusão ao caráter “subterrâneo” que toma a atividade do escritor nessas obras remete a Dostoiévski e ao seu “homem do subsolo”, pela radicalidade com que desnuda as relações de poder e a busca desesperada pela compensação do dinheiro ou do afeto e a coragem em revelar quais os extremos de mediocridade a que estas podem conduzir.

Assim, também, como na obra de Dostoiévski, a “escavação” do coração e da mente dos contemporâneos se realiza através de um desfile de “teorias”, levadas ao paroxismo, testadas até as suas últimas consequências, como ocorre com as hipóteses sobre a criminalidade do estudante Raskolnikov, em *Crime e Castigo*. Essa atitude de constante indagação e dúvida provoca a proliferação de contos, em que a situação ficcional, às vezes anacrônica ou absurda, serve de pretexto a se testar uma hipótese sobre algum aspecto do comportamento humano. A exploração do absurdo e do fantástico de uma situação permite levar ao extremo o teste de uma teoria, estabelecendo uma analogia com as preocupações e as ilusões dos contemporâneos. Um exemplo destacado destes, em relação às “grandes questões”, como a da vida ‘post-mortem’ é o conto “Bobók” de Dostoiévski, em que um escritor falido, casualmente num passeio em um cemitério, testemunha as formas de convivência social, descontraídas e despojadas das convenções sociais que se desenvolvem entre os mortos, nas profundezas de suas tumbas. Alguns contos de Machado, como a “Teoria do Medalhão” e “O Segredo do Bonzo”, publicados em *Papéis Avulsos* (1882), ou o “humanitismo” do filósofo Quincas Borba, sistema filosófico anunciado em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e desenvolvido no romance que toma o nome do pretense pensador, adotam procedimento análogo, ao enunciar uma teoria levada ao absurdo, num contexto totalmente fantasioso. Esse procedimento recorrente nas obras da “maturidade” do Machado, que superou suas vinculações com o Romantismo, realiza uma hipérbole das pretensões do racionalismo moderno, levando-as ao ridículo. Como no Dostoiévski da novela *Memórias do Subsolo* (2000), as teorias científicas que pretendem explicar a natureza humana, esquadrihando suas paixões e analisando racionalmente as relações sociais, são submetidas a um desgaste e à corrosão de contra-provas, que conduzem à total desautorização de sua validade. Se, por um lado, realiza-se, desse modo, um desmascaramento das crenças científicas que fizeram escola(s) no século XIX, revelando sua ingenuidade ou pretensão, por outro lado, explicita-se a desconfiança desses artistas, situados em países periféricos do capitalismo, a Rússia e o Brasil, quanto às promessas de emancipação e progresso da modernidade. Este tipo de atitude – não se recorda suficientemente hoje em dia – relaciona-se, diretamente, com as posições conservadoras, que ambos os escritores tomaram, diante dos movimentos sociais e das transformações políticas que acompanharam sua trajetória. Certamente, a ênfase nesse desencanto com os acontecimentos históricos foi um dos elementos que pesaram, em nossos tempos ditos “pós-utópicos”, para a onda de retomada da obra de Dostoiévski no Brasil e para uma recepção, sem filtro crítico, do conjunto da obra de Machado de Assis.

Em relação às opções estéticas, tomando como base referências formais que marcaram profundamente a estética modernista, Antônio Cândido (1970, p. 22) descreve uma situação, aparentemente contraditória, da obra de Machado: um dos elementos que confere atualidade a ela, por aproximá-la de recursos explorados pelos modernistas, é fruto do arcaísmo que o autor cultivava. Um dos traços estilísticos marcantes do “arcaísmo” de Machado e que passa a ser um traço inovador, a partir da estética moderna, é o diálogo aberto que mantém com o leitor (ou, de preferência, a leitora), o que chama a atenção para a construção artificiosa da

prosa narrativa. Ao adotar esse procedimento, Machado navegava na direção contrária das tendências consideradas mais inovadoras entre seus contemporâneos, representadas, principalmente, por naturalistas, como Flaubert, que procuravam a objetividade do “romance que narra a si próprio”. Outros traços estilísticos recorrentes na obra de Machado de Assis, que foram explorados amplamente no romance moderno e transformados pelos críticos em tópicos identificadores da literatura dita “pós-moderna”, são a meta-narrativa e a polifonia. A obra de Machado de Assis – mais uma vez, assim como a de Dostoiévski – apresenta características que a aproximam de vertentes literárias, herdeiras da cultura carnavalesca, como o “grotesco subjetivo” de Sterne (BAKHTIN, 1996, p. 32) e se metamorfosearam, no século XX. Essas tendências passaram ao primeiro plano, no romance contemporâneo.

A desconfiança em relação ao pensamento moderno, transformado em um desfile desconexo de “teorias” – que se equivalem em sua pretensão e sua vacuidade –, implode a estrutura da prosa ficcional de Machado. Constitui-se, desse modo, a polifonia, uma convivência de perspectivas, diante da qual, o narrador coloca o leitor. A multiplicidade de pontos de vista redundando em uma aparência de incompletude das obras, convocando à interpretação e denunciando a vigência de uma instabilidade de valores no mundo social. O crítico Otto Kaus relacionou o papel destacado, exercido pela polifonia, na obra de Dostoiévski, à convivência de diferentes sistemas de valores, no universo ficcional criado por ele – o que se constituía em uma transposição para a fatura do texto de uma experiência social de seus contemporâneos, decorrente do modo com que o capitalismo se instaurou na Rússia. Mikhail Bakhtin considera plausível essa hipótese, que acredito poder se aplicar às particularidades da sociedade brasileira no processo de modernização do século XIX, conforme se pode constatar no seguinte comentário de Bakhtin sobre as explicações de Kaus:

As explicações de Kaus são corretas em muito sentido. De fato, o romance polifônico só pode realizar-se na época capitalista. Além do mais, ele encontrou o terreno mais propício, justamente, na Rússia, onde o capitalismo avançara, de maneira quase desastrosa, e deixara incólume a diversidade de mundos e grupos sociais, que não afrouxaram, como no Ocidente, seu isolamento individual, no processo de avanço gradual do capitalismo. Aqui, a essência contraditória da vida social em formação, essência essa que não cabe nos limites da consciência monológica segura e calmamente contemplativa, devia manifestar-se de modo sobremaneira marcante, enquanto deveria ser especialmente plena e patente a individualidade dos mundos que haviam rompido o equilíbrio ideológico e se chocavam entre si. Criavam-se, com isto, as premissas objetivas da multiplanaridade essencial e da multiplicidade de vozes do romance polifônico (BAKHTIN, 2005, p. 19).

A transposição para a estrutura da narrativa da instabilidade reinante, numa sociedade que se moderniza e se adapta ao capitalismo, de um modo desequilibrado e mantendo desigualdades estruturais muito profundas, constitui-se, no entender de

alguns críticos, em uma contribuição de Machado de Assis à discussão sobre a formação social brasileira.

Além disso, acontece uma influência análoga das transformações na vida cotidiana da capital do país, na obra de Machado de Assis, a que Walter Benjamin (1980, p.32) observou entre a experiência de “choc”, tornada corriqueira para o parisiense do século XIX e o estilo contundente da poesia de Charles Baudelaire: a experiência urbana repercute na estrutura das obras do escritor brasileiro, ao motivar novas formas de relacionamento entre os indivíduos e provocar mudanças nos mecanismos psíquicos e, até mesmo, no aparelho perceptual. Como reconheceu Katia Muricy, a fragmentação da identidade dos personagens ficcionais e a não-linearidade do tempo justificam-se pela transposição dessa experiência para a forma narrativa:

A técnica da fragmentação da narrativa, usada por Machado de Assis, principalmente, nas ousadias formais de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e na forma de diário do Memorial de Aires, está a serviço dessa experiência, que é, em última instância, a vivência do moderno na sociedade brasileira do século XIX, tal qual o percebeu o autor (MURICY, 1988, p. 116).

A perspectiva crítica de que a obra de Machado de Assis incorpora formalmente a experiência moderna torna-se muito influente nas últimas décadas. Não se deve esquecer, no entanto, que esse confronto, marcado, muitas vezes, pela melancolia, diante da perda de valores considerados mais sólidos, está presente em alguns autores, destacados, no fim do século XIX, como os já citados Baudelaire e Dostoiévski, assim como alguns dos mais destacados artistas das vanguardas do século XX. Essa desconfiança e pessimismo diante das promessas da modernidade acompanha-se da afirmação do caráter irracional ou enigmático do sentido da história e do destino humano (apontando, nos dois outros casos citados, para uma possível via mística de interpretação, inacessível ao senso comum). No caso de Machado de Assis, esse interesse em desafiar os valores modernos se relaciona, também, com uma profunda admiração por Schopenhauer (filósofo cuja leitura se tornou moda na Europa, durante o século XIX). Alguns críticos apontaram, já, a presença de citações abundantes de considerações desse autor, em situações romanescas da obra de Machado, considerada “madura”, ou seja, na prosa de ficção, a partir da publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em 1881.

O crítico Roberto Schwarz reconhece a “virada” que se revelou na obra do autor, a partir de então, e suas relações com uma tomada de posição, desencantada diante da modernidade. Teria havido uma “desilusão da desilusão” na obra do autor, na medida em que, em sua produção “madura”, abandona a tentativa de construir uma trincheira contra a falsidade que atribui às teorias e às promessas modernas de emancipação em diferentes áreas, através do culto passadista, comprometido com o Romantismo e com os valores patriarcais em decadência. Conforme observa Schwarz, na produção literária inaugurada com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, defronta-se com as idéias de sua época, os resquícios de ideais iluministas, que, em sua mocidade, conforme atestam algumas de suas crônicas, chegaram a empolgá-lo:

E, de fato, um dos sinais da segunda e grande fase no romance de Machado será a reintegração abundante do temário liberal e moderno, das doutrinas sociais, científicas, da vida política, da nova civilização material – naturalmente à sua maneira (SCHWARZ, 1982, p. 412).

Uma das explicações para a aceitação irrestrita do pessimismo de Machado, em muitos círculos intelectuais de prestígio e entre muitos ideólogos contemporâneos atuantes na mídia brasileira, é a atitude desiludida com as utopias e as promessas de emancipação modernas a qual tanto se aproxima do desencanto (que pode esconder muito de conformismo...) nos cultores do pós-modernismo. Nesse ponto, o passado e o presente se encontram, criando a percepção de uma perenidade e a avaliação de uma universalidade da obra de Machado de Assis, como se essas propriedades pudessem existir, de modo absoluto, numa obra cultural. Vale recordar as considerações de Walter Benjamin quanto à ilusão do historicismo que faz esquecer a origem dos bens culturais que “devem a sua existência, não somente, ao esforço dos grandes gênios que os criaram, como à corvéia dos seus contemporâneos” (BENJAMIN, 1985, p. 225).

Na tarefa de apagar os conflitos e as indagações suscitadas pela obra de Machado – e pela construção de um cânon menos contundente, a servir de modelo para a criação literária brasileira –, operaram-se vários “esquecimentos” gradativos, em relação ao contexto em que surgiu Machado. Esquecem-se, por exemplo, as polêmicas na recepção e na avaliação dessa obra, quanto a seus altos e baixos: a tendência, em parte dela, ao amaneiramento, encontrada em Antônio Cândido, em parte da produção do autor, daquele Machado “anedótico e, mesmo, trivial”, executor de contos circunstanciais, que não ultrapassam o “caráter de passatempo”; o construtor de exercícios literários, “a engendrar ocorrências e tecer complicações, facilmente solúveis”; ou quanto a suas posições autoritárias e conservadoras, no campo do comportamento: que repercutiam em sua atitude, diante da literatura naturalista e na defesa de uma censura rigorosa da produção teatral. Sem contar as reações diante de suas posições políticas, inclusive, por seu absentismo nos acalorados debates de seus contemporâneos, sobre a escravidão. Posições e atitudes, que motivaram confrontos com a de outros intelectuais e escritores que o antecederam ou sucederam, entre outros, o conflituado conservador José de Alencar e o libertário Lima Barreto, além de vários escritores e intelectuais afinados com as idéias renovadoras da época, como os naturalistas.

Nesse ponto, vale o reparo de Walter Benjamin, quanto às ilusões do historicismo no que tange a obscurecer as relações de um legado cultural com a atualidade. Pode-se ver, aí, um apelo para que não se caia na tentação de proceder à lógica da naturalização que constitui a ideologia. Ainda mais, quando esse fato perpassa toda uma gama de instâncias de avaliação e julgamento, que, aparentemente, nutririam interesses e compromissos muito diferenciados, como é o caso de algumas avaliações unânimes e de alguns silenciamentos generalizados, quanto ao conjunto da obra de Machado de Assis.

Pensando em ir um pouco além, na avaliação destes, observo que agrada à contemporaneidade a eficiência com que o autor seduz o leitor, a competência com

que sustenta o riso distanciado, que se julga acima de qualquer paixão, e coloca, num mesmo plano, todas as perspectivas sobre a realidade, de variados matizes éticos e ideológicos, enquadrando-as, indiscriminadamente, como “teorias” inconsequentes, porque são apresentadas como escavação de problemas filosóficos atemporais (BOSI, 1982, p. 441).

O discurso midiático potencializa o fascínio que pode provocar, no Brasil contemporâneo, a trajetória pessoal de Machado de Assis, diante das adversidades inerentes no país, a sua origem social e enquadramento étnico. Certamente, ressoa no imaginário social, traumatizado pelas consequências nefastas do cada vez mais profundo abismo social no país, ou embalado no ideário insuflado pela onda neoliberal, o exemplo da vitória pela competência, oferecido pela escalada do escritor, em condições ainda mais adversas que as atuais. Esse tipo de exceção é utilizado para desmentir a regra e reforçar a perspectiva pautada na meritocracia, portanto em atributos pessoais, com que se analisam, tradicionalmente, no Brasil, as questões relacionadas às desigualdades sociais. E, mais ainda, o caso Machado de Assis representa a incorporação da “europeidade” por um afro-descendente, “referente empírico de uma hierarquia valorativa peculiar, que pode, por exemplo, como no caso do Rio de Janeiro do século XIX, ser personificada por um “mulato”, vai se transformar divisória, que separa cidadão (*habitus* primário) de “subcidadão” (*habitus* precário)” (SOUZA, 2006, p. 42). Com base na perspectiva de Bourdieu, que enfatiza o papel da cultura na luta de classes, essa categorização, que divide cidadãos e “subcidadãos”, desenvolvida por Jessé de Souza, dá conta da situação dramática que ainda ameaça as classes populares no país: incorporar referências culturais, que sirvam de passe para o ingresso na vida pública, ou condenar-se à marginalidade. Certamente, o escritor procurava nortear-se por esses parâmetros, quando cultivava a racionalidade e o distanciamento, diante de manifestações que pudessem ser conotadas com a cultura dos setores subalternos da população.

Se esses comentários podem parecer excessivamente rigorosos, diante do talento do escritor, da riqueza de sua análise do comportamento humano, consulte-se a curiosa e competente publicação do pesquisador Eduardo de Assis Duarte. Nesta, a proposta de associar a homenagem a Machado de Assis com a recuperação de sua imagem no trato da questão racial acaba por se transformar em uma garimpagem, surpreendente, de expressiva documentação, que confirma a perspectiva de alguns críticos quanto a esse problema em sua obra. Até mesmo, o conto “Pai contra Mãe”, apresentado como exceção, diante do silêncio ou do tratamento, um tanto altivo, do autor, quanto aos problemas da escravidão, lido com maior cuidado, revela uma atitude, no mínimo, problemática ou confirma a tônica do posicionamento do autor, diante do tema. Isto, porque à surpreendente (em termos da obra do autor) descrição minuciosa dos instrumentos de tortura e humilhação a que estavam submetidos os escravos, na abertura do conto, sucede uma narrativa rocambolesca, que colocará, no mesmo plano, os sofrimentos existenciais de um branco, pobre, que vive de expedientes, e de uma negra escrava fugida. E a construção da subjetividade do protagonista branco, pobre, levará o leitor a um caminho de compreensão dos motivos humanos que o conduziram a aproveitar-se do desamparo da escrava, para

resolver seus problemas individuais. A recepção do conto por um leitor atual, atento às particularidades discursivas que ajudam a manter intocadas as desigualdades na sociedade brasileira, pode contribuir para pensar se não encontramos, aí, muito das estratégias, pelas quais somos levados a “compreender” as justificativas de que se munem os indivíduos, do alto a baixo da pirâmide, para seu uso, quando a oportunidade se oferece de exercer os mecanismos de dominação sobre o fraco ou o desamparado: vejam-se as formas de exploração das/os empregadas/os domésticas/os; os modos com que os maridos impingem (por uma tradição ou pela preocupação com o bem estar e a educação dos filhos) uma condição subalterna a suas mulheres, donas-de-casa; as brutalidades cometidas contra os gays, lésbicas, negros e mulheres, no discurso cotidiano, apenas pela ignorância e pela falta de cuidado com a linguagem, sem nenhuma intenção de ofender... Em alguns momentos de sua prosa, Machado apontará as iniquidades no exercício do poder e as “belas idéias” com que são justificadas; o problema é que a análise refinada do comportamento conduz, via de regra, à conclusão de que estes são problemas eternos da humanidade, descaracterizando sua historicidade, o modo com que servem a um sistema específico de dominação que visa o monopólio sobre os possíveis lucros financeiros e simbólicos bastante específicos. Mais ainda, a leitura atual, remetendo à perspectiva de Machado, se reforça da impressão de perenidade e universalidade dos problemas.

Além e acima das considerações sobre o compromisso de Machado com a compreensão das motivações psicológicas ou existenciais da exploração – que pode ser computado como um legado para o refinamento de análise coerente com o projeto moderno – não pode deixar de suscitar perguntas e provocar analogias com situações mais recentes na cultura do país o fato de suas obras não reservarem espaço para a exploração mais atenta do universo do escravo. Havia um tratamento diferenciado, uma dessimetria, no tratamento romanesco concedido aos indivíduos, entre os setores dos estamentos ou classes (caracterização que depende das posições dos historiadores), que exerciam o mando e controlavam os mecanismos de decisão na sociedade brasileira e aqueles que constituíam a força de trabalho, especialmente, os escravos. Sendo assim, embora fosse concedido o direito a alguma complexidade a personagens situados como pequenos funcionários, agregados, vivendo graças a mecanismos do “favor”, ou a ‘lumpens’, o escravo não tinha direito a qualquer profundidade psicológica nesse universo ficcional. A homologia entre esse tratamento dessimétrico num elemento formal do texto (a construção dos personagens) e a realidade representada (a sociedade brasileira) é avaliada como um recurso competente do autor, na construção da mímese romanesca:

No que toca à questão étnica abordada nos romances, pode-se constatar que, além de não ter se esquivado dos problemas que afetavam os afro-brasileiros, Machado fala de seus irmãos de cor, como sujeitos marcados por traços indelévels de humanidade e por um perfil que, quase sempre, os dignifica, apesar da posição secundária que ocupam nos enredos. Impõe-se destacar que essa ausência de protagonismo está em homologia com o papel social desempenhado, caracterizado pela subalternidade da

condição e pela redução à mera força de trabalho, como já demonstrou Gizêlda Melo do Nascimento (2002). (DUARTE, 2007, p. 265).

Para Eduardo de Assis basta, portanto, a “humanidade” com que o autor tratava os personagens negros ou mestiços para dignificá-los ficcionalmente. Essa atitude do escritor revelada nos procedimentos narrativos constitui-se em uma espécie de paternalismo que se aproxima ao daqueles que aceitavam o direito do escravo a ter um tratamento ‘humanitário’, embora não reconhecessem o direito a ser considerado no mesmo patamar de humanidade de seus senhores. Curioso também no comentário acima de Eduardo de Assis o fato do autor reconhecer que na sociedade da época as relações com o escravo se caracterizavam “pela redução a mera força de trabalho”. Ora, na obra ficcional de Machado de Assis, nem mesmo o enfoque mais detido dessa circunstância se efetiva. A ênfase nos mecanismos de favor, no mundo ficcionalmente criado, silenciam sobre os seus vínculos com as vantagens obtidas pela posse da terra, pela exploração das atividades agrícolas, pela administração do comércio – circunstâncias examinadas com argúcia pelos contemporâneos naturalistas. Encobrem, inclusive, um viés muito particular e bastante influente na manutenção dos proprietários em dificuldades financeiras, no fim do império, período de decadência da escravidão, que era a exploração dos serviços dos “escravos de ganho”.

O filósofo esloveno Slavoj Žižek, em conferência recente no Rio de Janeiro (2008), chamou a atenção de que a “compreensão do outro” se tem transformado em justificativa ou paralisação de formas de resistência contra toda forma de abusos na sociedade contemporânea. Nesse sentido, acima do julgamento do escritor Machado de Assis, é importante indagarmos sobre a possibilidade de seu sucesso, junto a setores bastante retrógrados de nossa sociedade, estar relacionado a essa exploração dos meandros psicológicos, que sustentam o desejo de poder e encobrem o interesse em auferir vantagens pela exploração do outro – para acumulação de capital financeiro ou simbólico. O distanciamento, preconizado em vertentes da estética moderna, como instrumento de crítica e conhecimento, pode servir para evitar uma tomada de posição, diante das cenas de brutalidade ou abuso. Assim, vira uma cena digna de riso a do menino fazendo de cavalo o filho de escravos, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Atente-se para o fato de que a exaltação da figura de Machado, cidadão brasileiro e intelectual, pauta-se num discurso sobre a realidade social do país, calcado em referenciais comparativos. Um discurso que se firmou nas últimas décadas, com o processo de redemocratização do país, seu esforço para se caracterizar como “moderno”, acertando o passo com o percurso realizado pelas nações hegemônicas no capitalismo – veja-se, com o percurso histórico, percorrido na modernização européia e transposto, com maior sucesso, para nações americanas como os Estados Unidos e o Canadá. Nesse discurso, uma referência central é a noção de “atraso”, com forte motivação ideológica, muitas implicações culturais e repercussões nas práticas políticas.

A noção de que o país é atrasado pressupõe a necessidade de modernizá-lo, a qualquer custo, atualizando-o a modelos mais “modernos” de capitalismo. No

âmbito da esquerda, a insistência nessa noção de atraso reflete, também, a pressuposição de etapas necessárias de modernização, a serem cumpridas, rumo à superação do próprio capitalismo. A existência deste e de outros pressupostos comuns na representação da história do país e dos problemas decorrentes de sua formação social implica na possibilidade de convergências entre a direita e a esquerda, nas propostas, quanto a políticas a serem implantadas na economia e na condução das atividades culturais. Justifica, além disso, a migração ou a fluidez ideológica, no posicionamento diante dos problemas do país e das soluções, para eles, de figuras de destaque do mundo intelectual e político.

Com base nesse discurso, consagra-se, em Machado, o encontro de atitudes consideradas peculiares, diante das circunstâncias que cercam a história e a vida do país. Vê-se, na profusão de citações a autores estrangeiros, no gosto pelas máximas filosofantes, no desprezo à mesquinhez do meio intelectual brasileiro, um traço de cosmopolitismo do intelectual. Até mesmo, a eleição de modelos como Shakespeare e Sterne é vista como um traço prestigioso, num meio intelectual, em que fazia sucesso a imitação dos franceses, primeiramente, pela voga do chamado “teatro realista”, em seguida, pela introdução do modelo ficcional dos naturalistas.

Espero que essas considerações sobre diferentes problemas que cercam a recepção atual da obra de Machado de Assis e o culto de sua imagem de intelectual e homem público estejam sendo fiéis ao que há de melhor na obra do autor: a provocação ao diálogo e à reflexão. Como observei, anteriormente, sua obra ficcional da maturidade torna-se uma inquieta experiência das formas e modos de levantar perguntas sobre a vida. Machado abandona a certeza dos valores que cultuou na juventude, o namoro com idéias iluministas de crença no poder libertador da cultura, ou a crença num retorno aos valores patriarcais, de suas obras inspiradas no Romantismo.

O chamado pessimismo que a crítica e o senso comum enxergam nessa vertente madura da literatura de Machado pauta-se na recusa a oferecer respostas para os impasses da sociedade moderna, seja na ciência, seja num ideário político definido ou em qualquer forma de religiosidade. Constitui-se, entretanto, em poderoso instrumento de provocação ao pensamento crítico. Será pouco, isso, para instituir uma obra?

As perguntas que essa obra levanta não são eternas (quem pode garantir que a obra de Shakespeare será eterna?), mas, ainda desafiam o leitor moderno, provocam ao diálogo. Desafiam à compreensão dos conflitos do escritor como indivíduo, em sua época histórica, dos conflitos entre seu desejo de ascensão social e sua aguda perspectiva crítica, em relação à sociedade da época e seus valores. Desafiam, ainda, à compreensão sobre o decurso da história no país, sobre aquilo que se mantém – e se insiste em preservar pelos ganhos que propicia – e aquilo que foi superado, graças às lutas e ao sofrimento de muitas gerações de pessoas imperfeitas, com verdades provisórias. Com seus silêncios, competentemente disfarçados, ou seus ditos enviesados, sua obra leva-nos a indagar sobre os despojos que cercam a criação dos grandes monumentos da cultura, tudo aquilo que se esqueceu ou encobriu e cuja ausência, as homenagens procuram, muitas vezes, sepultar para sempre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi. São Paulo/Brasília: Hucitec/Edunb, 1996.
- _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 29-56.
- _____. Sobre o conceito de história. In: Benjamin, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas. Volume 1. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 222-234.
- BLOOM, Harold. *Gênio: os 100 autores mais criativos da História da Literatura*. Tradução de José Roberto O'Shea. São Paulo: Editora Objetiva, 2003.
- BOSI, Alfredo. A máscara e a fenda. In: *Machado de Assis*, Alfredo Bosi et al. Machado de Assis. Coleção Escritores Brasileiros. São Paulo: Ática, 1982. pp. 437-456.
- CÂNDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.
- DOSTOIEVSKI, Fiódor. *Memórias do Subsolo*. Tradução de Boris Schnaidermann. São Paulo: Editora 34, 2000.
- DUARTE, Eduardo de Assis (org.). *Machado de Assis, afro-descendente – escritos de caramujo*. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Pallas/Crisálida, 2007.
- FACIOLI, Valentim. Várias histórias para um homem célebre. In: Machado de Assis, Alfredo Bosi et al. Machado de Assis. Coleção Escritores Brasileiros. São Paulo: Ática, 1982. p. 9-59.
- MURICY, Katia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SCHWARZ, Roberto. "Generalidades". In: Machado de Assis, Alfredo Bosi et al. Machado de Assis. Coleção Escritores Brasileiros. São Paulo: Ática, 1982. p. 410-414.
- SOUZA, Jessé. *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- ZIZEK, Slavoj. Violência e subjetividade: a psicanálise e o sujeito pós-traumático. Conferência no Fórum de Ciência e Cultura - UFRJ. Rio de Janeiro, 13/10/2008.